

O FIM DA LINHA



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE *Nuno Pinto Fernandes*



MIGUEL FRANCO

Vereador da Cultura | Município de Alfândega da Fé

O Município de Alfândega da Fé continua a apostar na promoção e divulgação dos mais diversos eventos culturais, procurando abranger todos os públicos e garantindo que o acesso à cultura seja um acesso universal e gratuito. É certo que vivemos tempos muito sensíveis e incertos, provocados pela pandemia COVID-19. No entanto, principalmente nestes tempos, reconhecemos a importância da cultura e das artes para as pessoas e para o seu bem-estar.

Assim, desde que terminou o estado de emergência, procurámos retomar a nossa agenda cultural, desde logo com a abertura da galeria da Casa da Cultura Mestre José Rodrigues e do Centro de Interpretação do Território de Sambade, com a inauguração de exposições que já se encontravam planeadas.

A partir de 15 de agosto de 2020, temos assim o privilégio de apresentar ao público uma exposição de fotografia da autoria do fotógrafo Nuno Pinto Fernandes, na sala de exposições do Centro de Interpretação do Território de Sambade. O Nuno é natural de Sambade, exerce jornalismo há 12 anos, dá aulas de jornalismo, e vai expor pela primeira vez na sua terra natal um trabalho de uma enorme qualidade fotográfica, mas acima de tudo um trabalho artístico, cheio de alma e de uma intensidade emotiva que não deixa ninguém indiferente.

Apresentemos assim, em breves palavras, “O Fim da Linha”. Este trabalho é a experiência de uma vida! Em 2016, o Nuno partiu para França para fotografar a fase final do desmantelamento do maior campo de refugiados da Europa. Ficou por lá 21 dias. O que viu e sentiu ficou com ele... mas qualquer um de nós quase consegue sentir o mesmo observando e contemplando cada uma daquelas fotografias.

Tal é a carga emocional destes autênticos quadros vivos, eternizando vidas que foram privadas de tudo mas que não deixam de manter no seu olhar um brilho de esperança por um novo começo, para além do Canal da Mancha.

O Nuno, nesta mostra fotográfica, evidencia um verdadeiro testemunho humanista, transmitindo uma mensagem de esperança para todos os que passam por momentos de grande dor, que deixaram para trás as suas referências afetivas mais profundas, para encontrarem naquela selva mais do mesmo, a mesma dor, a mesma ausência, mas também o mesmo olhar de esperança.

A fotografia tem o dom de eternizar um momento que nunca mais se repetirá. Mas para lhe acrescentar alma foi preciso o olhar sensível do fotógrafo que sentiu as lágrimas da criança, que sentiu a voz tremida do homem que deixou para trás os seus pais e a mulher amada, que sentiu o rasgo de luz nos olhos da mulher que abandonava o campo em direção ao desconhecido mas certamente a algo melhor do que o que deixou para trás. E o Nuno sentiu e viu isso tudo. E connosco quis partilhar essas emoções.

Obrigado, Nuno!

BERTA NUNES

Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas

O Fim da Linha

Calais é uma cidade do norte da França, de onde do outro lado do Canal da Mancha, é possível avistar a britânica Dover. É precisamente a proximidade do Reino Unido, que desde o fim da década de 1990, atrai muitos grupos de migrantes ilegais, na tentativa de encontrar um futuro melhor, do outro lado da fronteira.

Desmantelada pela polícia francesa em 2016, a “selva de Calais”, designação que trouxe a nós um acampamento de migrantes num terreno baldio da zona portuária de Calais, albergou, no seu pico, cerca de dez mil migrantes.

Desde então, cada vez menos se fala dos migrantes que ainda permanecem na cidade e que mantêm a esperança de chegar ao Reino Unido, através do Eurotúnel.

O Nuno Pinto Fernandes, natural de Sambade, Alfândega da Fé, passou 21 dias nesta selva, para voltar a trazer à ordem do dia uma realidade que é preciso olhar de frente.

Através de uma lente ou pelas palavras escritas ou faladas, o drama dos refugiados diz respeito a todos.

O campo foi evacuado e os que lá sobreviviam foram distribuídos por outros centros de acolhimento espalhados pelo país. Muitos destes refugiados, na sua maioria provenientes do Sudão ou do Afeganistão, tentam permanecer em Paris, contornando as autoridades, para regressarem a Calais ou tentarem entrar ilegalmente no Reino Unido, onde dizem ter os seus familiares.

Fugindo de todas as guerras e da fome, o cerne deste movimento de migrantes e refugiados, reside na aspiração legítima a uma vida digna para si e para os seus.

MARGARIDA DUQUE

Chefe de Divisão da Cultura, Turismo e Desporto | Município de Alfândega da Fé

Poderá a Arte servir para Despertar Consciências?

A arte, nas suas mais diversas abordagens, conseguirá provocar comoção, modificar padrões de pensamento e criar indivíduos ativos, capazes de questionar o mundo e de intervir sobre ele?

Acredito firmemente que SIM!

No caso da Exposição “O Fim da Linha” isso acontece de forma natural, espontânea e autêntica.

A fotografia de Nuno Pinto Fernandes assume-se, como um espaço de representação ambivalente, entre razão e emoção, mas também de reflexão e diálogo entre quem capta a imagem, quem as vê, e quem se deixou imortalizar.

Entre estes dois, o fotógrafo e o observador, existe um espaço físico enorme, que se atenua, que se anula até, no momento em que os nossos sentidos reagem às imagens.

Os registos fotográficos, captados através daquele olho de ciclope, e agora propostos assumem-se como iminentemente vivenciais, porque nos transportam, a frio e a cru, para o flagelo humanitário dos refugiados.

20 de Junho foi instituído, em 2001, pelas Nações Unidas, como o Dia Mundial dos Refugiados, mas os números não param de aumentar e, de acordo com dados recentes, são mais de 65 milhões os refugiados e deslocados, que em condições dramáticas se vêem obrigados a fugir de todo o tipo de conflitos e perseguições.

A Exposição “O Fim da Linha” é, no meu entender, um veículo de concretização de um objetivo maior: o de chamar a atenção para que futuro de vida, e que lugar podem (e devem) desempenhar os que chegam a uma nova sociedade.

Este não pode ser o fim da linha!

Depois ainda há (quando há) a chegada ao país de acolhimento, com as inerentes dificuldades de integração numa comunidade com formas de estar e agir completamente diferentes das suas, repleta de dúvidas e incertezas face ao futuro.

Hoje, o desafio consiste em acrescentar sentido, em transformar a linha de arame farpado numa corrente de luz e esperança, fazendo jus ao espírito humanista que marca a génese da nossa civilidade, enquanto Portugueses e enquanto Europeus.

Diz-se que uma câmara pode roubar a alma de uma pessoa. Neste caso acredito que foi justamente o contrário.

Nuno Pinto Fernandes já fez a parte dele, porque a Arte e os Artistas têm (também) essa função!

SILVIA LAMAS

Amiga

Calais- Um Apeadeiro no Descampado

As imagens captadas pelo repórter obrigam a nelas reter o meu olhar. É o desvelar, o confrontar, a inquietação, o desassossego. É o “mea culpa” de uma cidadã europeia. Vejo imagens da destruição do maior campo de refugiados na Europa, oriundos de vários países, de diferentes culturas, línguas e religiões, ali irmanados num destino comum.

Para trás ficou o país devastado pela guerra, os escombros. Para trás ficou a perseguição política e religiosa, a exclusão. Só lhes restava a fuga através do Mediterrâneo, que atravessaram em frágeis embarcações rumo ao Velho Continente. Aí chegados, foram-se encaminhando para o norte de França, que a bússola do sonho de todos eles apontava para o Reino Unido. Todas as rotas levavam a Calais: o ponto mais próximo daquele país que viam como a Terra Prometida. Ali se foram aglomerando e o governo francês foi aumentando o Porto de Abrigo temporário. O tempo passava e a Terra Prometida não abria passagem, fiscalizava ferozmente a entrada no Túnel da Mancha. Em 2016, François Hollande decidiu dismantlar o Campo de Calais e distribuí-los por várias regiões, em campos de menor dimensão e melhores condições.

O nosso repórter voou para lá e acompanhou esses tempos. Agora mostra-nos os rostos sombrios, as mochilas às costas, os agasalhos do corpo que não aquecem a alma, as nuvens escuras pairando sobre as tendas brancas, o fogo demolidor e o desalento do homem que pousa a mala sobre um colchão e olha noutra direção (“E agora, José?”), o mar de chamas que se eleva na escuridão da noite, dois homens cozinhando numa panela que em breve será abandonada como os colchões,

botijas de gás... O fumo adensando o horizonte – de novo o caos. Há também imagens religiosas colocadas no chão e um grupo de homens que pede proteção para o passo seguinte e um jovem junto de quadros emoldurados que também transportará. A imagem da Virgem Maria vai com eles. Mas há também a belíssima imagem do arco-íris separando no firmamento o escuro da tempestade, da claridade da bonança e em primeiro plano um jovem negro caminha no asfalto para cá da vedação. O meu desejo verbaliza-se e murmuro: boa sorte, meu irmão.

Agradeço ao Nuno ter proporcionado à nossa terra a visualização deste mundo desumanizado que, pelo seu olhar, acorda consciências. Adquire outro valor. Na nossa região não sofremos guerras, mas daqui se partiu para o Brasil, para África, para os países da Europa. Temos memórias do regresso dos retornados, das partidas clandestinas a salto, cheias de risco e incerteza, transpondo fronteiras. Os jovens continuam a partir e é em Agosto que todos nos reunimos e convivemos durante os dias e noites da festa. E o Nuno está sempre presente, com o seu sorriso aberto, a gargalhada franca aglutinando todos, sem qualquer distinção. O Nuno vive no Adro nesses dias. Indiferente ao reconhecimento obtido, e a obter o Nuno é e será sempre o Menino do Adro. Eu sou para todos a Silvinha. Não deixámos perder a infância.

“É mais fácil chegar a Marte do que ao nosso semelhante”, disse Saramago. O Nuno e eu ignoramos Marte, construímos pontes com os outros. É o que nos irmana e aproxima.

○ FIM DA LINHA

Nesta exposição, o fotojornalista pretende mostrar o que viveu e experienciou na “*The Jungle*”, a selva de *Calais* no Norte de França durante a sua estadia de 21 dias em outubro de 2016.

“*O Fim da Linha*” é o título desta exposição e conta a história deste campo que foi desmantelado em outubro de 2016.

Enquadramento histórico

De 1999 a 2002, poucos quilómetros ao sul da área onde se viria a formar a “*The Jungle*”, uma antiga garagem do Eurotúnel foi transformado num centro da *Cruz Vermelha* para cuidar de migrantes.

Sangatte foi concebido para abrigar algumas centenas de pessoas, mas tornou-se o refúgio de mais de 1,5 mil afegãos, curdos iraquianos e do *Kosovo*. Todas as semanas, muitos entravam ilegalmente no *Reino Unido* com a ajuda de traficantes de pessoas.

Os governos franceses e britânicos chegaram à conclusão que *Sangatte* se tornara uma espécie de “íman”, atraindo cada vez mais migrantes. Era lá que eles faziam contactos para a travessia clandestina do *Canal da Mancha*. Quando o local foi fechado, em dezembro de 2002, o *Reino Unido* recebeu 1,3 mil refugiados curdos e afegãos.

Não levou muito tempo, porém, para que surgissem tendas e abrigos improvisados na área em torno do porto de *Calais* - ali nascia a “*The Jungle*”, fruto do agravamento da crise migratória na Europa. Em outubro de 2016 eram 4,5 mil, segundo cálculos das autoridades locais.

Grupos humanitários, porém, afirmam que o local abrigaria cerca de 9 mil pessoas.

21 dias em Calais

Foi uma experiência ímpar onde pude fotografar o dia-a-dia do maior campo de refugiados na *Europa*. Entrar neste campo e olhar para as condições onde vivem na *Europa* é uma imagem que no sec. XXI está completamente deslocada.

Os confrontos com a polícia eram diários, mas mesmo assim havia sorrisos nas caras destes que vinham maioritariamente de países como a *Síria*, *Eritreia*, *Sudão do Sul* e *Afeganistão*. Uns fizeram viagens a pé desde o país de origem, outros conseguiam meios de transporte mas quase sempre de forma ilegal, alguns saíram devido à guerra, por oposição a governos ditadores, por racismo e xenofobia, eram muito díspares os motivos que os faziam “embarcar” nesta viagem surreal, mas que se consubstanciava numa procura por melhores condições de vida que esperavam encontrar na *Europa*.

Neste campo dividido em 3 zonas para superar os migrantes, as condições de salubridade eram inexistentes. A religião e o racismo entre as diferentes nacionalidades desencadeavam momentos de tensão, incêndios e lutas.

Apesar disso, também podíamos assistir a momentos de partilha e entreaajuda entre várias pessoas.

Durante o desmantelamento do campo alguns migrantes foram enviados para vários países da *Europa*, *Alemanha*, *Suíça*, *Holanda* e *Inglaterra*, mas muitos ficaram nas ruas de *França*, e nas ruas de *Calais* para continuarem a tentar entrar ilegalmente na *Inglaterra*.



BIOGRAFIA

Nuno Pinto Fernandes é fotojornalista há 12 anos, trabalha como freelancer para o *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Ojogo* e *Notícias Magazine*.

É também formador de fotografia na *Escola Digital* em Lisboa desde 2017, onde leciona disciplinas de Fotojornalismo, Fotografia de Autor, Moda e Produção de Moda entre outras.



Ganhou o *Prémio Estação Imagem* em 2016 na categoria *Fotografia do Ano* uma menção honrosa com uma fotografia do ex. primeiro ministro José Sócrates no Tribunal.



Ganhou o 1º prémio *Reportagem Dignitas* "Semear a Mudança" em maio de 2016



PRÉMIOS

Ganhou o 1º prémio no 1º concurso de fotografia "*Objetiva Europa*", realizado pelo Sindicato dos Jornalistas, em colaboração com o Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal em 2019.



**O FIM
DA LINHA**





Lens (mm): 35

ISO: 400

Aperture: 2

Shutter: 1/8000





Lens (mm): 18

ISO: 500

Aperture: 2

Shutter: 1/25000





Lens (mm): 18

ISO: 320

Aperture: 2.2

Shutter: 1/1000





Lens (mm): 140

ISO: 400

Aperture: 2.8

Shutter: 1/1500





Lens (mm): 18

ISO: 250

Aperture: 2

Shutter: 1/16000





Lens (mm): 18

ISO: 320

Aperture: 5.6

Shutter: 1/800





Lens (mm): 35

ISO: 12800

Aperture: 2

Shutter: 1/160





Lens (mm): 200

ISO: 25600

Aperture: 2.8

Shutter: 1/125





Lens (mm): 35

ISO: 12800

Aperture: 2

Shutter: 1/640





Lens (mm): 35

ISO: 320

Aperture: 16

Shutter: 1/800





Lens (mm): 35

ISO: 250

Aperture: 2

Shutter: 1/3200





Lens (mm): 24

ISO: 500

Aperture: 2.8

Shutter: 1/1000





Lens (mm): 18

ISO: 400

Aperture: 3.2

Shutter: 1/500





Lens (mm): 18

ISO: 320

Aperture: 2

Shutter: 1/4000





Lens (mm): 18

ISO: 5000

Aperture: 2

Shutter: 1/200





Lens (mm): 18

ISO: 320

Aperture: 2

Shutter: 1/6400





Lens (mm): 18

ISO: 800

Aperture: 4.5

Shutter: 1/10000





Lens (mm): 35

ISO: 320

Aperture: 2

Shutter: 1/8000





Lens (mm): 35

ISO: 250

Aperture: 2

Shutter: 1/640





Lens (mm): 35

ISO: 200

Aperture: 5.6

Shutter: 1/1600



**SERÁ AQUI
O FIM
DA LINHA ...**







FICHA TÉCNICA

Artista | Nuno Pinto Fernandes

Coordenação | Ana Duque Dias

Assessoria | Catarina Pinto

Montagem | Paulo Pires
Bruno Santos
Luís Rocha

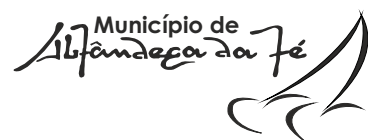
Projeto Gráfico | Luís Rocha

Impressão | Casa da Cultura Mestre José Rodrigues

Tiragem | 50

Distribuição | Gratuita





CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
DO TERRITÓRIO . SAMBADE
Alfândega da Fé

